**A mulher face ao espelho: novas virilidades**

**Relator:** Maria Josefina Fuentes

**Participantes:** Graciela Bessa, Jésus Santiago, Lucila M. Darrigo, Maria Inês Lamy, Teresinha Meirelles do Prado

**A virilidade *norme-mâle* na mulher**

Na década de 30, o tema da sexualidade feminina girou em torno da questão se a identificação masculina da menina ao pai seria um obstáculo ou daria acesso à feminilidade. Enquanto Karen Horney e Ernest Jones defendiam uma identificação feminina que repousaria na vinculação inata e direta à mãe, em relação à qual a masculinidade seria uma defesa, Freud e algumas analistas como Hélène Deutsch, insistiam na primazia fálica como a normalidade para ambos os sexos– a *norme-mâle*,segundo o *Witz* de Lacan[[1]](#footnote-1) que evoca o *normal* (normal) e a *norme mâle* (norma masculina). Apesar das críticas feministas, Freud foi irredutível em relação à tese do falocentrismo no inconsciente que reconhece apenas um significante, o falo, para designar a dissimetria dos sexos, sendo que uma identificação própria à mulher é o que permanece ausente.

Na mesma direção, Lacan, em 1958, longe de resumir a “assunção do sexo em termos de papel”[[2]](#footnote-2), quando então criticava a nascente clínica do gênero, situa a dissimetria em termos de *ser* ou *ter* o falo, destacando o caráter viril intrínseco à estratégia feminina da mascarada: “para ser o falo, isto é, o significante do desejo do Outro, a mulher vai rejeitar uma parcela essencial da feminilidade”[[3]](#footnote-3). Daí, inclusive, o efeito curioso de que “a própria ostentação viril pareça feminina”[[4]](#footnote-4). Contudo, afirma em seguida que “convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher”[[5]](#footnote-5).

Foi somente nos anos 70 que Lacan adentrou o *dark continent* freudiano para abrir a Caixa de Pandora com o recurso da lógica, esclarecendo que a mulher é *não-toda* assujeitada à lógica masculina. O falocentrismo, como função de gozo, impõe-se *para todos* no lado masculino da sexuação – conjunto definido a partir da exceção de Um, que escapa à castração. “A castração de fato dá prosseguimento, como vínculo com o pai, ao que é conotado em todo discurso como virilidade” – esclarece Lacan[[6]](#footnote-6). Ao passo que, sem essência nem existência, A mulher, definida em termos universais, não existe no inconsciente. Foracluída do simbólico e do imaginário[[7]](#footnote-7), permanece *Outra,* ausente de si mesma, ao experimentar um gozo *não-todo* indizível, encarnando, assim, na dialética falocêntrica, a alteridade do Outro absoluto.

Quando Lacan reafirma que, “contrariamente àquilo em que se acredita, o falocentrismo é a melhor garantia da mulher”[[8]](#footnote-8), indica que a virilidade como *norme-mâle*, que implica a castração como perda de gozo para ambos os sexos, protege o sujeito do enlouquecimento de um gozo feminino que pode arrastá-lo, lá onde ele não se encontra, tanto mais quanto se desgarra dos limites da castração, apresentando-se de modo mortífero. Por outro lado, quanto mais a mulher se agarra ao Um do gozo fálico universalizante, ao império das identificações imaginárias, mais segrega o feminino que nela habita, e cujas condições de gozo só podem ser enunciadas no singular, a partir das formas sintomáticas de cada uma.

Assim, ao postular uma virilidade *norme-mâle* definida em termos lógicos – que não se confunde com os semblantes imaginários masculinos que uma mulher pode assumir –, e que em toda identificação sexuada há um impossível que não recobre o real do sexo para o ser falante, a psicanálise se diferencia de uma prática retrógrada que visaria restabelecer o domínio do binarismo homem/mulher. Pelo contrário, com a conceituação do *não-todo*, aponta uma saída para os impasses do ser falante quando enclausurado sob o regime do gozo todo fálico, que segrega o feminino, não sem angústia.

***Não-toda* no espelho e a resposta da histérica freudiana**

*Não-todo*, o corpo sexuado da mulher não encontra representação nem no significante, nem na imagem do espelho, que se constitui “como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem”[[9]](#footnote-9). Entretanto, quando a função fálica opera e o objeto *a* é extraído do corpo, ainda que a identificação com a imagem ideal conferida pelo discurso do Outro fracasse em escrever a relação sexual, serve de vestimenta para a pura vacuidade d’A mulher, dando consistência fálica aos semblantes por meio dos quais uma mulher pode identificar-se ao seu corpo.

Essencialmente carente de uma identidade, contrariamente ao que Freud acreditava, a mulher não é narcisista senão secundariamente[[10]](#footnote-10); ou seja, o narcisismo como amor de si, comum aos dois sexos, surge na mulher em resposta ao que Lacan designou como “narcisismo de desejo”[[11]](#footnote-11). Este é a expressão do amor feminino ao desejo do Outro, do qual uma mulher extrai a consistência corpórea fálica quando responde ao modo fetichista do desejo masculino, desde que consinta em ser tomada como objeto de um desejo singular. “*A* mulher só pode ocupar seu lugar na relação sexual, só pode sê-lo, na qualidade de *uma mulher*. Como acentuei vivamente – prossegue Lacan – não existe *toda mulher.*”[[12]](#footnote-12)

Frente à foraclusão do significante d’A mulher no inconsciente, a resposta emblemática da histérica consiste em transformar o furo da estrutura em enigma a ser desvendado por um Outro no lugar de exceção, que lhe entregaria a identidade d’A mulher. Ou seja, mobiliza a significação fálica como suplência à relação sexual que não existe, fazendo do fracasso desta[[13]](#footnote-13) seu triunfo para reinar sobre o mestre, classicamente encarnado pelo pai, com o qual se identifica. “O que a histérica articula, certamente, é que, em matéria de bancar o *todohomem*, ela é tão capaz de fazê-lo quanto o próprio *todohomem*, ou seja, pela imaginação.”[[14]](#footnote-14)

Ávida por uma identificação que a proteja da inexistência, a histérica convoca um Outro que a alivie de sua própria divisão, refugiando-se na norma fálica do *todo* viril. Basta um “minha mulher não é nada para mim”, como confessava o Sr. K, para que o mundo de Dora caísse, junto com o ideal da feminilidade encarnado na Sra. K., que passa a ser *nada* nas redes da significação fálica. Quando, nem *tudo* nem *nada*, uma mulher pode ser *Outra*, inclusive para si mesma[[15]](#footnote-15), desde que consinta com sua divisão de gozo.

**O declínio do pai e o apelo a Um-todo**

Tal como propõe J.-A. Miller, no processo de feminização na civilização nos tempos em que o Outro como ponto de basta não existe para deter o empuxo-ao-gozo sem limites – queda da função paterna e do regime edipiano fundado na lógica masculina da exceção –, contrariamente ao que se pensa, são as próprias mulheresas defensoras mais ferozes do regime da lógica masculina. “O regime do *todos iguais* não somente não escapa ao regime edípico, mas, propriamente falando, também o constitui.”[[16]](#footnote-16)

Contrariamente à série infinita na qual cada mulher é excepcional, as novas formas do discurso histérico clamam por um universal feminino – *nós, as mulheres, como* *todo mundo* – que corresponderia em espelho à lógica masculina[[17]](#footnote-17).

Interessa-nos aqui, portanto, isolar algumas formas das novas virilidades que se apresentam como uma defesa contra o feminino na contemporaneidade, ou seja, não como uma divisão de gozo na mulher, mas como sintomas que rechaçam o *não-todo*, quando o amor ao pai em declínio, parceiro clássico da histérica, não se sustenta mais no lugar da exceção, que antes garantia uma armadura para o corpo que a resguardava do feminino pela via da identificação com o seu sintoma.

***A* mulher como sintoma para elas mesmas**

Segundo Brousse[[18]](#footnote-18), Lacan interpreta o movimento feminista com a pluralização dos nomes-do-pai, esclarecendo que, à série da inibição, sintoma e angústia, Amulher como universal também pode funcionar como um dos nomes-do-pai, um sintoma, quando a função paterna já vacilava na cultura.

Tal interpretação pode ser aplicada tanto ao primeiro movimento feminista, que lutou pela paridade de direitos da mulher em relação ao homem – *todos iguais* –, quanto ao feminismo francês dos anos 70 que, a partir de uma leitura equivocada das teses de Lacan, buscou no gozo feminino uma essência que qualificasse a mulher, promovendo, paradoxalmente, um “Todo *não-todo*”. Esta foi a tentação de pensar uma diferença feminina autorreferente, fora do falocentrismo, que poderia ser recuperada através de uma escrita feminina, quando A mulher que não existe *não cessa de não se escrever.*

**Hélène Cixous e suas personagens: *O retrato de Dora* e Clarice Lispector**

A partir da referência de Lacan à histeria rígida[[19]](#footnote-19) e do extenso comentário de Eric Laurent[[20]](#footnote-20), bem como das discussões do VI ENAPOL sobre as versões contemporâneas da histeria, analisaremos as personagens da psicanalista, feminista e escritora, mencionada por Lacan na aula 7 do *Seminário 23*, Hélène Cixous, por aportarem aspectos esclarecedores e atuais relativos ao tema da nossa investigação.

***A Dora de Cixous e a homossexualidade na histeria contemporânea***

O inusitado no *Retrato de Dora* que Cixous apresenta em sua peça de teatro, distante da paciente histérica Dora, de Freud, é que ela não se interessa em absoluto por aquilo que o psicanalista, seu antigo mestre, teria a dizer sobre ela. Não somente não se presta à interpretação de Freud – e ele mesmo aparece bastante desorientado e constrangido –, como desdenha do que ele teria a dizer-lhe, tal como, por exemplo, aparece notadamente nos diálogos finais da peça:

“Freud: Eu diria que você não sabia o suficiente.

Dora: Ou talvez você se ame um pouco demais? [...] Você me faz rir. [...]

Freud: Eu teria te ensinado o que eu aprendi com você. Eu teria gostado de fazer algo por você.

Dora: Ninguém pode fazer nada.

Freud: Mantenha-me informado sobre o que eu estou fazendo. Escreva-me.

Dora: Escrever?... não é comigo!”[[21]](#footnote-21)

Se Freud não está na posição de interpretante, da exceção paterna, contudo, é a Sra. K. que encarna a figura do Outro não castrado, depositária do saber sobre o enigma feminino. Com razão, Laurent[[22]](#footnote-22) questiona se esta personagem, a Dora de Cixous, seria um bom exemplo da histeria rígida que Lacan apresenta no *Seminário 23* – a histeria que se sustenta sem seu parceiro, prescindindo do quarto aro suplementar do Nome-do-Pai e do sentido fálico com o qual a histérica clássica interpreta seu sintoma. A Dora de Cixous, embora não tome o pai como objeto de amor e despreze Freud, elege outro parceiro como interpretante, a Sra. K., supondo-lhe um saber universal sobre a feminilidade idealizada, que adquire o estatuto de sintoma, a partir da crença nA mulher que não existe. Quanto mais procura na identificação alienante à Outra o suporte para si mesma, tanto mais desconhece a “materialidade” do real do gozo singular que lhe concerne e que insiste fora do sentido, atribuído ao sintoma.

“Dora: Diga-me mais, diga-me tudo, tudo. Tudo que as mulheres sabem: como fazer geleia, como fazer amor [...]. Você não imagina o quanto eu te amo. Você é absolutamente tudo. E eu sou nada, nada. Ninguém. Ouça-me: eu te amo mesmo você sendo Deus, alguém para quem eu não existo. [...] Tudo o que você sabe. Tudo o que eu não sei. Deixe-me dar-te este amor...

Sra. K: Meu Deus! O que eu vou fazer com você? [...]

Dora: Deixe-me beijar-te. Deixe-me tomar-te nos braços! Somente uma vez.”[[23]](#footnote-23)

É bastante evidente também que, se a relação homossexual da Dora de Freud com a Sra. K., recalcada, revelava-se como efeito da interpretação analítica, na personagem de Cixous não há essa barreira, de modo que o acesso ao Outro sexo é direto e aparece “a céu aberto”. Desnecessário, ela não precisa mais do amor ao pai nem do homem para sustentar-se através da identificação ao que considera ser seu gozo, como tampouco sustentá-lo.

Bastou um passo a mais – ao ato – para que proliferassem as relações homossexuais na histeria na contemporaneidade que, segundo Brousse[[24]](#footnote-24), correspondem a um novo sintoma, que consiste em colocar A mulher que não existe como Outra, idealizada, no lugar vazio da exceção deixado pelo pai em declínio. Deste modo, o sujeito permanece na lógica masculina viril, dirigindo-se diretamente à Outra mulher, que revelaria a própria feminilidade da qual o sujeito se furta de experimentar.

Com efeito, a indústria cinematográfica soube captar o enredo que fascinaria as meninas e jovens de hoje, que consideram a figura do príncipe encantado um clichê desinteressante. Basta citar *Malévola* ou *Frozen* que dispensam o amor ao pai ou ao príncipe encantado – ora ausente ou francamente um vilão –, fazendo a apologia do verdadeiro amor, o materno, ainda que seja devastador, ou entre as irmãs apostando na identificação horizontal, restando ainda a parceria com a solidão do Um todo fálico, erguida num castelo de gelo onde uma mulher pode permanecer lindamente inacessível.

Ainda em relação à peça *O retrato de Dora*, o que chama a atenção de Lacan[[25]](#footnote-25) é o modo como ela foi realizada. A própria realidade dos ensaios domina os atores na peça, a pragmática da pura repetição que se dá quase “fora da cena”, e não a narrativa do texto, ou seja, a determinação do significante. São sessões de psicanálise onde a dificuldade de expressão da protagonista, Dora, é acentuada em cenas paralelas que se justapõem, nas quais o presente se mescla com o passado através de falas superpostas e repetitivas. A linearidade do texto se perde e o sentido, autorreferente, dissolve-se nas divagações e na voz longínqua do inconsciente que ecoa ao longo da apresentação. Estes traços serão ainda mais acentuados nos escritos de Hélène Cixous depois que ela conhece a obra de Clarice Lispector – dois anos após a encenação da peça, ocorrida em 1976.

***Hélène Cixous face ao espelho: a identificação com Clarice Lispector***

A tradutora e grande difusora da obra de Clarice Lispector na França, fundadora em 1974 do Centro de Estudos Femininos da Paris VIII, encontrou na obra da escritora brasileira a forma de se expressar que por anos procurava, por quem desenvolve um fascínio arrebatador, a ponto de dizer “Eu sou Clarice Lispector”, ou então, “Certeza que Clarice Lispector me dá a minha semelhança oculta”[[26]](#footnote-26).

Não muito distante do seu retrato de Dora, declara francamente seu amor a Clarice em seu livro feminista, *O riso de Medusa*:

“No podemos vivir sin que existan mujeres que presten atención a la vida […] Para conservar la vida necesitamos sentir que las mujeres viven muy cerca de nosotros. Clarice es el nombre de una mujer capaz de amar a la vida por todos sus nombres calidos y frescos. Y la vida acude. Dice: soy. Y, al instante, Clarice es. Clarice es toda entera en el instante en que se consagra a ser, viva, infinita, ilimitada en su ser. Cuando digo: Clarice, no es simplemente para hablar de una persona, es para pedir a Clarice una alegría – un miedo –, una alegría espantada. […] Sin embargo, miedo? Miedo en la adoración? Miedo a adorar?”[[27]](#footnote-27)

O estilo que tanto buscava fora da referência falocêntrica para uma “escrita feminina” – termo cunhado por Cixous e que foi adotado pelos estudos de gênero – é baseado em uma narrativa marcada pelo que ela chama de “feminilidade libidinal”[[28]](#footnote-28), cujo maior exemplo encontra no livro de Clarice Lispector, *Água viva*.

Para Cixous, a escrita de Clarice, diferentemente de Joyce, “não tortura o significante, pelo contrário. [...] Não é no nível da palavra que ela opera.”[[29]](#footnote-29). Trata-se, para a feminista, de um texto que inscreve a feminilidade no nível formal da escrita, com a abolição do sentido através de falas soltas, desarticuladas, sem começo nem desfecho, sem limite nem moldura, seguindo o ritmo do corpo como numa corrente de água viva na qual é preciso mergulhar.

Na defesa de um feminino supostamente vanguardista, Cixous, também especialista em Joyce, considerava-o um homem “totalmente reacionário”[[30]](#footnote-30) por ter desqualificado o lugar da mulher em sua obra e permanecido dentro das estruturas familiares clássicas. A crítica ao patriarcalismo conservador recairia também sobre Freud por não ter saído da premissa fálica, advertida de que o falo é uma falácia.

“O falocentrismo é o inimigo. De *todos*. Os homens também têm a perder, de maneira distinta das mulheres, mas também seriamente. Chegou a hora de mudar, de inventar outra história.[[31]](#footnote-31)

Ironicamente, quanto mais Cixous busca sustentar-se identificando-se à Outra mulher idealizada, mais se distancia de sua singular feminilidade, protegendo-se do real do feminino que procura na escrita de Clarice. Assim, na apologia de Um-todo feminino autorreferente, a feminista, paradoxalmente, segrega o *não-todo* e a lógica própria da posição feminina elucidada por Lacan, protegendo-se do que *não cessa de não se escrever.*

Uma a uma, resta a cada mulher reconhecer os modos de gozo que lhe concernem para identificar-se, nem ao pai, nem ao falo, nem à Outra, senão ao seu sinthoma, inigualável.

***Clarice Lispector e o abismo no espelho vazio***

Quanto a Clarice Lispector, talvez possamos concluir com as palavras que o poeta Carlos Drummond de Andrade escreveu na ocasião de sua morte: “Clarice veio de um mistério, partiu para outro.”[[32]](#footnote-32)

Muito distante do lugar ideal em que costuma ser evocada, sobretudo pelas leitoras que tendem a se identificar com o que sua escrita personifica, Clarice, ao contrário, era profundamente “estrangeira na terra” [[33]](#footnote-33), exilada no mundo, indescritível para si mesma, cuja escrita, repleta de nomes perdidos, roubados, disseminados, dá consistência ao que inexiste, nos confins do mundo humano, e a fragilidade da existência compõe a tônica central em sua obra.

Lançada à desintegração, à ausência de identidade do vazio da imagem, descrente dos artifícios humanos, afunda no sem-sentido, conduzindo o leitor a habitar a precariedade de um mundo sem referentes. Suas personagens se desintegram com uma narrativa que produz uma dissolução extrema: “do narrador, do (a) protagonista, ou do próprio texto e de seu aparente ‘enredo’ inicial” – segundo propõe T. do Prado[[34]](#footnote-34) –, culminando na experiência da pura dessubjetivação, ruína das identificações e perda das referências em um mundo incompreensível.

“Morta”, era como se dizia quando não escrevia, concebendo sua escrita como o acesso à ausência radical de si mesma: “Escrever é tantas vezes lembrar-me do que nunca existiu [...]. Nunca nasci, nunca vivi: mas eu me lembro, e a lembrança é uma carne viva”[[35]](#footnote-35).

Pelas passagens duras e estreitas d*A paixão segundo G.H.*, a escritora mostra o horror de quem só pode encontrar uma identidade para si mesma na vida que por fim não lhe escapa: na barata à qual se reúne.

“Mas que abismo entre a palavra e o que ela tentava...”[[36]](#footnote-36), exprime quem certamente esteve profunda e terrivelmente advertida de que o “‘eu’ é penas um dos espasmos instantâneos do mundo”.[[37]](#footnote-37)

1. Lacan, J. “O aturdito”. In *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 480. [↑](#footnote-ref-1)
2. Lacan, J. “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache”. In *Escritos.* Rio de Janeiro: Zahar, 1998,op. cit., p. 689. [↑](#footnote-ref-2)
3. Lacan, J. “A significação do falo”. In *Escritos*, op. cit. p. 701. [↑](#footnote-ref-3)
4. Ibid. p. 702. [↑](#footnote-ref-4)
5. Lacan, J. “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina”. In *Escritos*, op. cit., p.739. [↑](#footnote-ref-5)
6. Lacan, J. “O aturdito”. In *Outros escritos*, op. cit., p. 460. [↑](#footnote-ref-6)
7. Cf. Brousse, M. H. “Las feminidades: el Otro sexo entre metáfora y suplencia”. In *Del Édipo a la sexuación*. Buenos Aires: Paidós, 2001, p. 60. [↑](#footnote-ref-7)
8. Lacan, J. “Conferência em Genebra sobre o sintoma”. In *Opção lacaniana*, São Paulo, Edições Eólia, n. 23, dez.1998, p. 16. [↑](#footnote-ref-8)
9. Lacan, J. “O estádio do espelho como formador da função do eu”. In *Escritos*, op. cit.,p. 97. [↑](#footnote-ref-9)
10. Cf. Laurent, E. “Positions féminines de l’être”. In *La Cause Freudienne*, Paris, Seuil, n.24, 1993, pp.107-113 [↑](#footnote-ref-10)
11. Lacan, J. “Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina”, op. cit., p. 742. [↑](#footnote-ref-11)
12. Lacan, J. *Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante.* Rio de Janeiro: Zahar, 2009, p. 133. [↑](#footnote-ref-12)
13. Lacan em “O aturdito” (op. cit., p. 459) esclarece que o fracasso é de estrutura: “a função fálica […] é apenas um modo de acesso sem esperança à relação sexual”. [↑](#footnote-ref-13)
14. Lacan, J. *Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*, op. cit, p. 134. [↑](#footnote-ref-14)
15. Laurent, E. “Positions féminines de l’être”, op. cit. [↑](#footnote-ref-15)
16. Miller, J.-A. *La naturaleza de los semblantes*, Buenos Aires; Paidós, 2001, p. 57 (traduzido livremente). [↑](#footnote-ref-16)
17. Cf. Laurent, E. “Semblantes e sinthoma”. In *A psicanálise e a escolha das mulheres.* Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p. 208. [↑](#footnote-ref-17)
18. Brousse, M. H. “Feminismo”. In *Scilicet dos Nomes do Pai.* AMP, 2006, pp. 55-56. [↑](#footnote-ref-18)
19. Lacan, J. *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, pp. 101-114. [↑](#footnote-ref-19)
20. Laurent, E. “Conferencia: El sinthome”. In *Consecuencias*, Revista digital de psicoanálisis, n.13/14. [↑](#footnote-ref-20)
21. Cixous, H. *Portrait of Dora.* London: John Calder/ Dallas: Riverrun, 1979, p. 66 (traduzido livremente). [↑](#footnote-ref-21)
22. Laurent, E. ibid., p. 2. [↑](#footnote-ref-22)
23. Ibid., pp. 40-41. [↑](#footnote-ref-23)
24. Brousse, M. H. “L’homosexualité au pluriel ou quand les hystériques se passent de leurs hommes de paille”. In: *Elles ont choisi: les homosexualités féminines.* Paris: Ed. Michèle, 2013, pp. 21-35. [↑](#footnote-ref-24)
25. Lacan, J. *O Seminário, livro 23: o sinthoma*, op. cit., p.102. [↑](#footnote-ref-25)
26. Cixous, H. *Photos de Racines*. Paris: Ed. Des femmes, 1994, p.89. [↑](#footnote-ref-26)
27. Cixous, H. *La risa de Medusa: ensayos sobre la escritura*. Barcelona: Antropos, 1995, p. 129. [↑](#footnote-ref-27)
28. Entrevista a Betty Milan: http://bettymilan.com.br/artigos/publicados/90-63-helene.htm. [↑](#footnote-ref-28)
29. Ibid. [↑](#footnote-ref-29)
30. Ibid. [↑](#footnote-ref-30)
31. Cixous, H. *La risa de Medusa*, op. cit, p. 41. [↑](#footnote-ref-31)
32. Moser, B. *Clarice, uma biografia.* São Paulo: Cosac Naify, 2009, p. 13. [↑](#footnote-ref-32)
33. Ibid. [↑](#footnote-ref-33)
34. Prado, T. M. “O nada como causa em Clarice Lispector”. In *Opção lacaniana,* São Paulo, Edições Eólia, n. 52, set.2008, p. 59. [↑](#footnote-ref-34)
35. Lispector, C. “Lembrar-se do que nunca existiu”. In *A descoberta do mundo.* Rio de Janeiro: Rocco,1999, p. 385. [↑](#footnote-ref-35)
36. Lispector, C. *A paixão segundo G.H.* Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 67. [↑](#footnote-ref-36)
37. Ibid. p. 178. [↑](#footnote-ref-37)